



Estudos Teológicos foi licenciado com uma Licença Creative Commons –
Atribuição – NãoComercial – SemDerivados 3.0 Não Adaptada

O CONCÍLIO VATICANO II, SUA HERMENÊUTICA E RECEPÇÃO¹

The Second Vatican Council, its Hermeneutics and Reception

Rodrigo Coppe Caldeira²

Resumo: Há cinquenta anos, acontecia o maior evento religioso do século XX: o Concílio Vaticano II (1962-1965). O concílio convocado por João XXIII teve como um de seus resultados centrais legitimar o diálogo entre o catolicismo e a modernidade. Todavia, sua recepção ainda se desenrola, com inúmeros debates e questionamentos sobre seu lugar na história bimilenar dos concílios ecumênicos e seus significados. Dessa forma, o tema da hermenêutica do concílio aprofundou-se nas décadas passadas, especialmente no papado de Bento XVI, que deu relevo à temática devido a algumas intervenções e posições sobre a herança do concílio. O artigo tem como objetivo compreender algumas das principais controvérsias, concentrando-se especialmente no conceito da “recepção”.

Palavras-chave: Concílio Vaticano II. Hermenêutica. Recepção.

Abstract: Fifty years ago the major religious event of the XX century succeeded: the Second Vatican Council (1962-1965). The council called by Pope John XXIII had as one of its main results the legitimation of the dialogue between Catholicism and modernity. Nevertheless, the council's reception still unfolds with countless debates and inquiries concerning its meaning and its place in the two thousand year history of ecumenical councils. Therefore, the issue of the hermeneutics of the council deepened in the past decades, especially under the papacy of Pope Benedict XVI, which emphasized the theme due to some interventions and positions regarding the council's heritage. The purpose of this article is to understand some of the central controversies, focusing primarily on the concept of “reception”.

Keywords: Second Vatican Council. Hermeneutics. Reception.

¹ O artigo foi recebido em 29 de abril de 2013 e aprovado em 15 de março de 2014 com base nas avaliações dos pareceristas *ad hoc*. Este artigo é um dos resultados da pesquisa financiada pela FAPEMIG, realizada entre julho de 2011 e julho de 2013, e que teve como objetivo estudar o processo de recepção do Concílio Vaticano II na Arquidiocese de Belo Horizonte.

² Doutor em Ciências da Religião. Professor do Mestrado em Ciências da Religião da PUC Minas, Belo Horizonte/MG, Brasil. Contato: rodrigocoppe@gmail.com

Introdução: o que está em jogo?

Respondendo à pergunta de pronto, que abre este artigo, pode-se afirmar que o que está em jogo é a própria sobrevivência das realizações do Concílio Vaticano II, seus textos como fonte de organização da vida eclesial, sua existência como “bússola segura para nos orientar no caminho do século que começa”, como dizia João Paulo II na *Novo Millennio Ineunte*, suas principais intuições.

Logo depois da conclusão do concílio, em dezembro de 1965, entraram em circulação categorias como “abuso na interpretação” do Vaticano II. Certamente, sua interpretação colocava problemas, já que sua constituição era totalmente diferente dos concílios anteriores – sua característica “pastoralidade” e a categoria que o embalava de “aggiornamento” –, impedindo que se recorresse aos modelos precedentes de interpretação.³

O legado do concílio ainda está em jogo⁴, e aqueles que o afirmam como líquido e certo, seja positiva ou negativamente, não consideram os reverses da história, sempre marcada por dinâmica inabarcável e movimentos surpreendentes. Pode-se afirmar, assim, que o legado do Vaticano II ainda é incerto não com o intuito de diminuir sua importância na história recente do catolicismo, quiçá na história mundial e teológica, mas pelo fato de que é possível observar, nesses cinquenta anos de sua abertura, as forças que se agitam na batalha hermenêutica que toma conta nas discussões historiográficas e teológicas.⁵ De fato, parece que tal situação se repetiu em outros momentos da história da recepção de inúmeros concílios.⁶ A pergunta que emerge é sobre o lugar do Vaticano II na secular história da igreja, sua identidade particular, sua relação com a tradição – palavra-chave no confronto entre as inúmeras hermenêuticas e que exige maior atenção dos estudiosos –, as novidades que traz e que suscita, seus fundamentos teológicos, seu caráter de reforma e renovação, entre outras tantas.

Sabe-se, por um olhar retrospectivo, que o papado de Karol Wojtyła foi assinado, no que tange à recepção conciliar, por inúmeras tentativas de se constituir uma interpretação autorizada do concílio. É possível observar em vários documentos do pontificado a presença da temática do Vaticano II, apresentando elementos que caracterizariam uma incipiente hermenêutica conciliar – quando, de fato, uma hermenêutica completa, com o documento final do Sínodo Extraordinário de 1985⁷ –, a fim de

³ ALBERIGO, G. Conclusione e prime esperienze di ricezione. In: ALBERIGO, G. (dir.). *Storia del Concilio Vaticano II*. Concilio di transizione. Settembre-Dicembre 1965. Bologna: Il Mulino, 2001. p. 570.

⁴ Veja FAGGIOLI, Massimo. *Vatican II: the battle for meaning*. Mahwah: Paulist Press, 2012.

⁵ O papa Francisco, numa homilia na missa do dia 16 de abril de 2013, fez uma referência mais sistematizada ao concílio. Disponível em: <<http://rodrigocoppe.wordpress.com/2013/04/17/francisco-e-o-concilio-sem-retorno-na-continuidade>>. Acesso em: 15 mar. 2013.

⁶ Veja, por exemplo, estudo da recepção do Concílio de Trento e as questões interpretativas envolvidas: ALBERIGO, Giuseppe. From the Council of Trent to “Tridentinism”. In: BULMAN, Raymond F.; PARRELA, Frederick J. (ed.). *Trent to Vatican II*. Historical and Theological Investigations. New York: Oxford University Press, 2006. p. 19-37.

⁷ Veja *Il Futuro dalla Forza del Concilio*. Sinodo Straordinario dei vescovi 1985. Documenti e commento di Walter Kasper. Brescia: Queriniana, 1986; ROUTHIER, G. L'Assemblée extraordinaire de 1985 du Synode

sanar as dúvidas e contradições em torno do processo de recepção que se espalhavam no seio do catolicismo.⁸

Se o tema esteve presente com certa constância durante o pontificado de João Paulo II, nos sete anos de reinado de Bento XVI, a questão tornou-se central. Central não só pela aparição do tema em documentos e discursos, mas, especialmente, pelas decisões do papa, mais especificamente a retirada das excomunhões para os bispos sagrados por Marcel Lefebvre e sua Fraternidade Sacerdotal São Pio X (FSSPX) e o *moto proprio Summorum Pontificum* (2007), liberando a “missa tridentina” sem a expressa liberação do bispo.⁹

A questão da hermenêutica conciliar já aparecia nas reflexões do então cardeal Joseph Ratzinger.¹⁰ No trecho da entrevista concedida em 1985 ao jornalista Vittorio Messori, Ratzinger deixava claro como compreendia as problemáticas advindas com o pós-concílio:

Os danos encontrados nestes últimos anos não são atribuíveis ao Concílio “verdadeiro”, mas ao desencadear-se, no interior da Igreja, de forças latentes agressivas, centrífugas, talvez irresponsáveis ou simplesmente ingênuas, de otimismo fácil [...] E, no exterior, ao impacto de uma revolução cultural: a afirmação, no Ocidente, do estrato médio-superior, da nova “burguesia do terciário”, com a sua ideologia liberal-radical, marcada pelo individualismo, racionalismo e hedonismo¹¹.

Para ele, assim, o período foi assinalado, além do impacto da revolução cultural no Ocidente, pela emergência de uma compreensão do concílio que não condizia

des Évêques: moment charnière de relecture de Vatican II dans l'Église Catholique. In: BORDEYNE, P.; VILLEMIN, L. (dirs.). *Vatican II et la théologie*. Perspectives pour le XXI^e siècle. Paris: Cerf, 2006; KASPER, W. La convocazione permanente del Concilio Vaticano II. Per un'ermeneutica degli enunciati conciliari. In: KASPER, Walter. *Teologia e Chiesa*. Brescia: Queriniana, 1989. p. 302-312.

⁸ Consulte CALDEIRA, R. Coppe. O pontificado de João Paulo II e a herança do Concílio Vaticano II: em busca de uma interpretação normalizante. *Revista Brasileira de História das Religiões*, n. 13, jan. 2013. Veja também algumas obras que já trataram sobre a temática: sobre a participação de K. Wojtyła nos trabalhos conciliares: GROOATERS, J. *Actes et acteurs à Vatican II*. Leuven: Leuven University Press, 1998. p. 93-132. (Bibliotheca Ephemeridum theologicarum Lovaniensium 139); WEIGEL, G. *Testimone della speranza*. Milano: Mondadori, 2005. p. 180-223; SKWZYPCZK, R. *Karol Wojtyła al Concilio Vaticano II*. Verona: Fede & Cultura, 2011. Cf. também KIJAS, Z.; DOBRZYNSKI, A. (a cura di). *Cristo Chiesa Uomo*. Il Vaticano II nel pontificato di Giovanni Paolo II. Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticano, 2010; ATTI DEL CONVEGNO INTERNAZIONALE promosso dalla Pontificia Facoltà Teologica San Bonaventura-Seraphicum e dalla Fondazione Giovanni Paolo II Centro di Documentazione e Studio del Pontificato. Roma, 28-30 ottobre 2008, Libreria Editrice Vaticana. Città del Vaticano, 2010; MARENGO, Gilfredo. *Giovanni Paolo II e il concilio*. Una sfida e un compito. Siena: Cantagalli, 2011. Sobre esta última obra, cf. recensão: CALDEIRA, R. Coppe. *Coletânea*. Revista de Filosofia e Teologia da Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro, Ano XI, Fascículo 21, p. 144-148, Jan.-Jun. 2012.

⁹ Confira ROUTHIER, Gilles. Sull'interpretazione del Vaticano II. L'ermeneutica della riforma, compito per la teologia. *La Rivista del Clero Italiano*, n. 11, p. 744-759, 2011.

¹⁰ Sobre a periodização proposta por Ratzinger para o pós-concílio: RATZINGER, J. *Les principes de la théologie catholique: esquisse et matérieux*. Paris: Tequi, 1982. p. 428-438.

¹¹ MESSORI, V.; RATZINGER, J. *A fê em crise?* O cardeal Ratzinger se interroga. São Paulo: EPU, 1985. p. 17.

com sua realidade, qual seja, aquela baseada no que chamou de “hermenêutica da descontinuidade e da ruptura”, e que deveria ser contraposta com uma “justa hermenêutica” – a “hermenêutica da reforma”.¹²

É interessante citar que a questão da interpretação do concílio aparece como central nas reflexões do papa por ocasião da abertura do Ano da Fé (outubro de 2012), que coincide com as comemorações dos cinquenta anos de abertura do Vaticano II. No dia de sua abertura e naqueles seguintes, com olhar comemorativo que também focava nos vinte anos do *Catecismo da Igreja Católica*, é possível notar, em alguns pronunciamentos de Bento XVI, elementos muito interessantes para se compreender como entende o lugar do concílio e as questões hermenêuticas em torno dele. Levanta-se a hipótese, inclusive, de que o papa emérito, pouco a pouco, trouxe à baila sua versão hermenêutica do concílio, ou seja, a versão autorizada e oficial da interpretação do Vaticano II.

Inicialmente, Bento XVI confirma sua compreensão – que não parece ter mudado nos anos de seu pontificado – de que a crise que marca a igreja pós-conciliar tem sua raiz em uma hermenêutica equivocada, aquela que chama de hermenêutica da ruptura. Em texto inédito, que veio a público em 11 de outubro de 2012 por ocasião do cinquentenário do Vaticano II, intitulado “Um dia maravilhoso”, Bento XVI traz alguns pontos importantes para se visualizar o que entende pelo que chamou de “justa hermenêutica”. Em primeiro lugar, esclarece como compreende um conceito-chave que embala todo o concílio e o pós-concílio: atualização/*aggiornamento*. Afirma:

Esta percepção do cristianismo ter perdido o presente e da tarefa que daí derivava estava bem resumida pela palavra “atualização”: o cristianismo deve estar no presente para poder dar forma ao futuro. Para que pudesse voltar a ser uma força que modela o porvir, João XXIII convocara o Concílio sem lhe indicar problemas concretos ou programas. Foi esta a grandeza e ao mesmo tempo a dificuldade da tarefa que se apresentava à assembleia eclesial¹³.

Num segundo momento, o papa assinala que a expressão *aggiornamento*, assim como João XXIII a entendeu¹⁴, “foi e permanece exata”, ou seja, “o Cristianismo não deve ser considerado como algo do passado, nem deve ser vivido com o olhar permanentemente voltado para trás, porque Jesus Cristo é ontem, hoje e para a eternidade”. E completa:

o Cristianismo é uma árvore que está, por assim dizer, em aurora perene, sempre jovem. E esta atualidade, este *aggiornamento*, não significa ruptura com a tradição, mas exprime – isso sim – a sua contínua vitalidade [...] Não significa reduzir a fê, confinando-a à

¹² Cf. DISCURSO DO PAPA BENTO XVI aos Cardeais, Arcebispos e Prelados da Cúria Romana na Apresentação dos Votos de Natal. Disponível em: <<http://migre.me/cb7lm>>. Acesso em: 15 mar. 2013.

¹³ Texto inédito do papa Bento XVI publicado por ocasião do 50º aniversário do Concílio Vaticano II. Disponível em: <<http://migre.me/e29PA>>. Acesso em: 15 mar. 2013.

¹⁴ Cf. o Discurso de abertura do concílio pronunciado por João XXIII. KLOPPENBURG, Boaventura. *Concílio Vaticano II*. Petrópolis: Vozes, 1963. p. 305-312. v. II. Primeira sessão. (set.-dez. 1962).

moda dos tempos, à medida daquilo que mais apetece, daquilo de que a opinião pública mais gosta. Pelo contrário: exatamente como fizeram os Padres conciliares, há que elevar o hoje que vivemos à dimensão do acontecimento cristão, levar o hoje do nosso tempo ao hoje de Deus.

Outro ponto crucial para se compreender a hermenêutica conciliar de Bento XVI, pelo menos de forma preliminar, aparece na homilia na missa de abertura do Ano da Fé, em 11 de outubro. Ao tratar do tema da nova evangelização, o papa afirma que

para que este impulso interior à nova evangelização não seja só um ideal e não peque de confusão, é necessário que ele se apoie sobre uma base de concreta e precisa, e esta base são os documentos do Concílio Vaticano II, nos quais este impulso encontrou a sua expressão. É por isso que repetidamente tenho insistido na necessidade de retornar, por assim dizer, à “letra” do Concílio – ou seja, aos seus textos – para também encontrar o seu verdadeiro espírito; e tenho repetido que neles se encontra a verdadeira herança do Concílio Vaticano II. A referência aos documentos protege dos extremos tanto de nostalgias anacrônicas como de avanços excessivos, permitindo captar a novidade na continuidade¹⁵.

É possível afirmar, a partir desses trechos, que Bento XVI apresenta alguns elementos da sua versão do que acredita ser a “justa hermenêutica” do Vaticano II. Observa-se que, de acordo com o próprio Ratzinger, a crise do pós-concílio, assinalada por certa desorientação sobre como colocar em andamento o que foi proposto pelo concílio, está ligada àquela que chama de hermenêutica da descontinuidade/ruptura. Tal hermenêutica teria entre seus propugnadores aqueles denominados tradicionalistas, que veem o Vaticano II como uma ruptura com o Magistério anterior, e, mais ainda, com o que chamam de “Tradição de sempre”¹⁶, além daqueles, do outro lado do espectro, que acreditavam, no momento do concílio, numa ruptura, todavia marcadamente positiva, no qual o evento conciliar operava um corte na história do catolicismo ao colocá-lo em diálogo com a modernidade.¹⁷

¹⁵ Texto publicado no site do Vaticano. Disponível em: <<http://migre.me/ef4tu>>. Acesso em: 10 mar. 2013.

¹⁶ Cf. CONGAR, Y. *La crisi nella Chiesa e Mons. Lefebvre*. Roma: Queriniana, 1976; CONGAR, Y. *The meaning of tradition*. New York: Hawthorn Books, 2004.

¹⁷ Entre os primeiros têm-se Marcel Lefebvre e seus seguidores como os maiores representantes, que viam o concílio como uma apostasia, e entre os segundos, pode-se apontar Karl Rahner e Marie-Dominique Chenu, que defendiam a ideia de que com o Vaticano II a igreja tinha entrado num novo paradigma, da igreja ocidental para uma igreja universal. Cf. RAHNER, K. Basic theological interpretation of the Second Vatican Council. In: RAHNER, K. *Concern for the Church*. Theological Investigations. New York: Crossroad, 1981. v. 20, p. 85. CHENU, M. D. La fin de l'ère constantiniennne. In: DUBOIS-DUMÉE, J.-P.; DE BROUCKER, J. *Un concile pour notre temps*. Paris: Cerf, 1961. p. 59-87.

O concílio, sua herança atormentada¹⁸, sua recepção

É importante contextualizar a emergência do debate que tomou novo vigor no início deste século com o papado de Bento XVI. De fato, como demonstra Routhier¹⁹, é a convocação do concílio por João XXIII a grande motivação do interesse contemporâneo pelo processo de recepção, já que a reflexão se direcionava a partir de então para a natureza conciliar da igreja e sobre as relações entre as diversas igrejas locais.²⁰ Mesmo sendo uma temática já conhecida pelos teólogos católicos nos anos 1970²¹, é apenas no início dos anos 1980 que as discussões em torno do tema tomam maior vigor.²² Como afirma Routhier²³, o ano de 1985 se constitui como momento importante, pois é nesse ano que se desenrola o Sínodo Extraordinário dos Bispos. É a primeira geração de estudos sobre a recepção conciliar²⁴, que evolui da temática da aplicação do concílio para a da recepção conciliar, entendida não como uma simples transposição de princípios à ação ou a tradução em atos de enunciados teológicos. O termo passa a ser compreendido como instrumento conceitual mais adequado para se apreender o processo de assimilação do Vaticano II pelas igrejas particulares, a infiltração do ensinamento conciliar nas igrejas locais. Observa-se o aparecimento de inúmeros trabalhos na década de 1980²⁵ que se concentram nas análises metodológicas dos processos de recepção, com o intuito de descobrir seus elementos constitutivos, os fatores determinantes, suas etapas e principais atores. São estudos de caso que se orientam para a investigação sobre a recepção do concílio nessas igrejas.²⁶

É preciso recordar que nesse período há uma redução do papel das conferências episcopais e dos bispos na interpretação das determinações conciliares, o que aconteceu desde o pontificado de Paulo VI, mas que é aprofundado com João Paulo II.

¹⁸ Utiliza-se aqui o título do capítulo – *Il Vaticano II: un' eredità tormentata* – do livro de Giovanni Miccoli. *In difesa della fede*. La Chiesa di Giovanni Paolo II e Benedetto XVI. Milano: Rizzoli Storica, 2007.

¹⁹ ROUTHIER, G. *Vatican II*. Herméneutique et reception. Québec: Fides, 2006.

²⁰ Veja GHIRLANDA, Gianfranco. Église universelle, particulière et locale au concile Vatican II et dans le nouveau Code de Droit canonique. In: LATOURELLE, René. *Vatican II*. Bilan et perspectives. Vingt-cinq ans après (1962-1987). Paris: Cerf, 1988. p. 263-298.

²¹ Eis texto marcante do período sobre a temática: CONGAR, Yves. La réception comme réalité ecclésiologique. *Revue des Sciences Philosophiques et Théologiques*, 56, 1972.

²² Naquele contexto, o conceito utilizado é de “aplicação” do concílio. Ao pesquisar a *Documentation Catholique*, Routhier (2006b) nota que é esse o termo utilizado nos anos pós-conciliares. É frequentemente utilizado por Paulo VI, João Paulo I e João Paulo II, além de sua presença no Sínodo de 1971.

²³ ROUTHIER, 2006a.

²⁴ A reflexão se concentra na Europa, todavia também na América do Sul há alguma discussão em torno da temática. A maior obra publicada no período sobre a recepção: ALBERIGO, G.; JOSSUA, J.-P. (dir.). *Il Vaticano II e la Chiesa*. Brescia: Paideia, 1985. Sua versão francesa: ALBERIGO, G.; JOSSUA, J.-P. (dirs.). *La réception de Vatican II*. Paris: Cerf, 1985.

²⁵ Cita-se como exemplo ALBERIGO; JOSSUA (dir.), 1985.

²⁶ Como afirma ROUTHIER (2006b), “os estudos de caso representam ainda um preço a pagar se nós desejamos que a reflexão eclesiológica sobre a recepção ganhe em profundidade, abandone as generalidades e evite de ser simplesmente repetitiva” (“les ‘études de cas représentent encore un prix à payer si l’on veut que la réflexion ecclésiologique sur la reception gagne en profondeur, délaisse les généralités et évite d’être simplement répétitive”) (p. 55).

Os anos 1990 caracterizam-se por ser o momento de chegada da oficialização da hermenêutica conciliar, cada vez mais influenciada pela política doutrinal do Vaticano, influenciada especialmente por Joseph Ratzinger, o prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé.²⁷ Também nesse período aparece a “História do Concílio Vaticano II”, organizada pelo historiador de Bologna Giuseppe Alberigo.²⁸ É a maior obra sobre o evento, com a participação de numerosos pesquisadores de todo o mundo. A “História do Concílio” de Alberigo não se tornou importante apenas pelo fato de trazer ao público documentos históricos do Vaticano II ainda inéditos, além de reconstruir as etapas da construção dos textos finais do Vaticano II, mas pelo fato de que, em toda a obra, uma linha hermenêutica do concílio se fazia presente, causando reações e debates em todo o mundo, particularmente na Europa e EUA. A principal característica dessa linha é a compreensão do concílio como “evento”, o que gera inúmeras consequências na leitura do Vaticano II como um todo.²⁹

Certamente a década passada foi a mais “barulhenta” no que tange à recepção do concílio e os desafios que a envolvem. Com a morte de João Paulo II e a subida de Joseph Ratzinger ao sólio papal, novas perspectivas se abriram, e não tão positivas para os defensores das “aberturas” do evento conciliar. No Natal de 2005, há o discurso de Bento XVI aos cardeais, chamando atenção para a necessidade de uma “correta hermenêutica” do concílio, em contraposição à “hermenêutica da descontinuidade e da ruptura”, responsável, segundo o papa, pelas crises atuais que se abatem sobre a igreja. Em junho de 2007, a Congregação para a Doutrina da Fé publica “Respostas a questões relativas a alguns aspectos da doutrina sobre a Igreja”, tendo em seu centro a questão do *subsistit in*³⁰ (*Lumen Gentium*, 8). No mesmo ano, com o moto próprio *Summorum pontificum*, Bento XVI permitiu celebrações no rito tridentino e levantou a excomunhão dos bispos sagrados por Marcel Lefebvre, um dos bispos ultraconservadores que lutaram do lado da minoria conciliar e que não aceitaram as determinações do concílio.³¹ A busca de Ratzinger por sanar o cisma de 1988, com as

²⁷ A Santa Sé, nesse período (1989-2000), busca submeter o processo de recepção do concílio sob algumas chaves interpretativas. Em março de 1989, aparece uma nova profissão de fé para aqueles que exercem alguma função oficial em nome da igreja. Em 1992, a Congregação para a Doutrina da Fé emite uma carta para os bispos de todo o mundo sobre a “eclesiologia de comunhão” (*Communio notio*). Em 2000, aparece a declaração sobre “a unicidade e universalidade da salvação de Jesus Cristo e da igreja”, a polêmica *Dominus Iesus*. Cf. FAGGIOLI, Massimo. *Vatican II. The battle for meaning*. Mahaw: Paulist Press, 2012.

²⁸ No Brasil, dos cinco volumes, só foram publicados os dois primeiros pela Editora Vozes. Devido ao seu tamanho e preço, não houve interesse em continuar as edições posteriores.

²⁹ FATTORI, M. T.; MELLONI, A. (org.). *L'evento e le decisioni*. Studi sulle dinamiche del Concilio Vaticano II. Bologna: Il Mulino, 1997.

³⁰ SCHELKENS, Karim. *Lumen gentium's “subsistit in” revisited: the Catholic Church and Christian unity after Vatican II*. *Theological Studies*, v. 69, fasc. 4, p. 875, 2008.

³¹ Sobre a atuação dos bispos ultraconservadores brasileiros no concílio e também de Lefebvre: CALDEIRA, R. Coppe. *Os baluartes da tradição: o conservadorismo católico brasileiro no Concílio Vaticano II*. Curitiba: CRV, 2011.

posições tomadas, foi interpretada por estudiosos como um ataque à própria herança do concílio.³²

O que é mister notar é que o debate em torno da hermenêutica do concílio está estritamente ligado à temática da recepção. Recepção não é apenas um conceito, mas também uma realidade complexa. Não se realiza apenas por um ato oficial da hierarquia, mas ocorre de inúmeras formas nas igrejas locais. Como conceito, é empregado em muitos campos: jurídico, historiográfico³³, literário³⁴, estético³⁵ e teológico³⁶.

Conceito e processo têm uma longa história. A palavra recepção tem sua raiz no latim *cap, cep, cip*. Algumas palavras latinas de derivação e significados semelhantes são *accipere, suscipere, firmare, confirmare* e *comprobare*.³⁷ O pensamento filosófico contemporâneo forneceu diversas perspectivas de análise do processo de recepção, que se encontram em obras, por exemplo, de Hans Georg-Gadamer³⁸, Hans Robert Jaus³⁹ e Jacques Derrida^{40, 41}.

No campo da história da igreja, “o *ressourcement* da teologia histórica identificou recepção como uma dinâmica na vida da Igreja desde os tempos remotos”⁴². Suas origens chegam até os primeiros momentos da história do cristianismo. Como

³² Veja FAGGIOLI, M. *True reform: Liturgy and Ecclesiology in Sacrosanctum Concilium*. Collegeville: Pueblo Book, 2012.

³³ Veja CLARK, Elizabeth A. *History, theory, text*. Historians and the linguistic turn. Harvard: Harvard University Press, 2004; HOLUB, Robert. *Reception theory*. New York: Methuen & Co, 1984.

³⁴ Nos estudos literários, o conceito “tornou-se aquele que descreve um processo que tem lugar entre o texto e o seu leitor [...] Recepção entendida na crítica literária teve considerável influência em outros campos de estudo, incluindo a literatura clássica e bíblica, e de forma menos extensa na teologia sistemática e histórica” (RUSCH, 2007, p. 3-4). “has become the descriptor for a process that takes place between a text and its reader (...)” “Reception as understood in literary criticism has had a considerable influence in other fields of study, including classics and biblical literature, and to a somewhat lesser extent in systematic and historical theology”.

³⁵ Cf. JAUSS, Hans Robert. *Toward an aesthetic of reception*. Minnesota: University of Minnesota Press, 1982; LIMA, Luiz Costa (Org.). *A Literatura e o Leitor*. Textos de Estética da Recepção. São Paulo: Paz e Terra, 1981.

³⁶ Um interessante exemplo sobre o uso do conceito no campo teológico é RUSH, Ormond. *The eyes of faith. The sense of the faithful and the Church’s reception of revelations*. Washington: The Catholic University of America Press, 2009.

³⁷ RUSCH, William G. *Ecumenical reception. Its challenge and opportunity*. Grand Rapids: Eerdmans, 2007. p. 1.

³⁸ Especialmente seu conceito de *horizonte* e de *história efetual*. Cf. GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e método*. Petrópolis: Vozes, 1999.

³⁹ Ormond Rush “sugeriu que as hermenêuticas estéticas e literárias de Jaus poderiam ser fontes a fim de auxiliar a recepção de textos doutrinários e ecumênicos” (RUSCH, 2007, p. 6). “has suggested that the aesthetics and literary hermeneutics of Jaus could be resources to assist in the reception of doctrinal and ecumenical texts”. RUSH, Ormond. *The reception of doctrine. An appropriation of Hans Robert Jaus reception aesthetics and literary*. Roma: Pontificia Università Gregoriana, 1997.

⁴⁰ DERRIDA, Jacques. *Gramatologia*. São Paulo: Perspectiva, 1993.

⁴¹ Para uma breve visão geral da contribuição desses autores na compreensão do conceito e do processo que designa, veja BENSON, Bruce Ellis. Texts messages: Gadamer, Derrida, and How We Read. *Christian Century*, p. 30-32, March 22, 2005.

⁴² RUSH, 1997, p. 7. “the *ressourcement* of historical theology has identified reception as a dynamic in church life since early times”.

diz Rush, “o primeiro discípulo que se encontrou com Jesus começou um processo de interpretação de seu ensinamento, suas ações, e sua identidade”⁴³. O que parece ser novidade é a tomada de consciência sobre sua realidade, e, sendo assim, seu estudo mais sistematizado. Jean-Marie Tillard afirma que “esse termo designa uma das realidades eclesiais fundamentais, sempre presente na vida do povo de Deus [...]”⁴⁴.

Yves Congar, um dos primeiros a pensar o conceito em âmbito teológico, afirma que “poderíamos percorrer a história de todos os concílios sob o ângulo de sua recepção”⁴⁵. Para o teólogo, “tema raramente abordado e, contudo, de uma importância maior tanto no ponto de vista do ecumenismo como daquele de uma eclesiologia plenamente tradicional e católica”⁴⁶. Dessa forma, o tema da recepção, relativamente novo no campo teológico e historiográfico, não se reduz à sua operacionalidade apenas no estudo do Vaticano II⁴⁷, mas a todos os concílios.

O tema da recepção é comum e relativamente presente na literatura teológica, todavia, em senso particularmente eclesiológico, é um conceito jovem.⁴⁸ Segundo Routhier⁴⁹, é preferível falar em “ocultação do conceito no decorrer da história da igreja e de sua redescoberta, mais do que considerar a recepção como um conceito novo”⁵⁰.

O conceito, não sendo novo, tornou-se uma realidade oculta na reflexão teológica, ou foi sendo pouco a pouco circunscrito apenas ao domínio jurídico. Ratzinger, por exemplo, demonstrou que a ideia de recepção já estava presente em certos Padres do Concílio de Trento, estando, inclusive, presente nos textos das decisões desse concílio.⁵¹ Também no Concílio Vaticano I (1869), a realidade da recepção estava muito presente, sendo termo conhecido, porém não discutido. J. P. Boyle explicou que no

⁴³ RUSH, 2009, p. 1. “the first disciple’s encounters with Jesus begin a process of interpreting his teaching, his actions, and his identity”.

⁴⁴ Cf. TILLARD, J.-M. R. *Church of Churches*. Collegeville: The Liturgical Press, 1987. p. 125. “this term designates one of these fundamental ecclesial realities, always present in the life of the people of God [...]”.

⁴⁵ “on pourrait poursuivre l’histoire de tous les conciles sous l’angle de leur réception.” CONGAR, Yves. *La Réception comme réalité ecclésiologique*. *Revue des Sciences Philosophiques et Théologiques*, 56, 1972, p. 374.

⁴⁶ “thème rarement abordé et, cependant, d’une importance majeure tant au point de vue de l’œcuménisme qu’à celui d’une ecclésiologie pleinement traditionnelle et catholique.” Cf. CONGAR, 1972, p. 369; Cf. também Chapter III, 2. Congar on reception. In: RUSH, Ormond. *The reception of doctrine*. An appropriation of Hans Robert Jauss reception aesthetics and literary. Roma: Pontificia Università Gregoriana, 1997.

⁴⁷ Podemos citar como exemplo de estudo sobre a recepção do concílio do século XX: ALBERIGO; JOSSUA, 1985.

⁴⁸ Sobre a questão da recepção na tradição cristã, CONGAR (1972, p. 375) afirma que durante toda a história da igreja é possível vislumbrá-la a partir de algumas expressões literárias.

⁴⁹ ROUTHIER, G. *La réception d’un concile*. Paris: Cerf, 1993.

⁵⁰ “l’occultation du concept au cours d’une période de l’histoire de l’Église et de sa redécouverte, plutôt que de considérer la réception comme un concept nouveau.” ROUTHIER, 1993, p. 17.

⁵¹ “Voir DS 1501. Sur le sujet, voir Joseph RATZINGER, “Ein Versuch zur Frage des Traditionsbegriffs”, *Offenbarung und Überlieferung*, Fribourg, 1965, part. P. 58-59 et 65” (ROUTHIER, 1993, p. 18).

Vaticano I é possível visualizar a recepção de certas doutrinas anteriores⁵², tanto da profissão de fé de Trento como dos decretos conciliares anteriores e na redação dos novos enunciados.⁵³

De fato, o tema da recepção passou a largo da literatura teológica contemporânea. Fora algumas vagas alusões⁵⁴, o conceito praticamente não aparece nos estudos teológicos mais importantes do século XX. Atualmente, ele foi reabilitado no debate teológico, e isso devido, principalmente, a dois fatores: o próprio Concílio Vaticano II e os debates ecumênicos que se avolumaram a partir dele. O tema reaparece no início dos anos 1960 paralelamente em dois contextos. No movimento ecumênico, a questão é lançada no momento da realização da *Consultation d'Oxford*, em 1965, e para o diálogo entre as igrejas ortodoxas e não calcedônicas em 1964. Por outro lado, a convocação do Vaticano II em 1959 por João XXIII teve um claro impacto sobre a reflexão em torno da temática da natureza conciliar da igreja, o que levou o conceito ao centro dos debates.

Segundo Routhier⁵⁵, o ensinamento do Vaticano II não desenvolveu explicitamente uma teologia sistemática da recepção, mesmo que haja evocações a essa realidade na *Lumen gentium* (n. 22) e no *Christus Dominus* (n. 4). O teólogo também aponta para os números 12 – que liga a questão da recepção àquele do *sensus fidei* – e 25⁵⁶, que trata da “aceitação religiosa da igreja ao ensinamento dos pastores”⁵⁷. Da mesma forma é possível notar o tema no número 51 da *Lumen gentium*, quando afirma que “o Sacrossanto Sínodo recebe com grande respeito aquela venerável fé de nossos antepassados sobre o consórcio vital com os irmãos que estão na glória celeste ou ainda se purificam após a morte, e propõe de novo os decretos dos Sagrados

⁵² ROUTHIER (1993) chama atenção para o posicionamento de John Henry Newman, que desenvolveu sua posição em *Essay on the Development of Christian Doctrine* (1845) e *On Consulting the Faithful in matters of Doctrine* (1859). Segundo Routhier, “le sensus fidelium et le consensus fidelium, notions connexes, mais non homologables à celle de ‘reception’” (p. 18). Cf. VORGRIMLER, H. Du “sensus fidei” au “consensus fidelium”. *Concilium*, 200, p. 13-22, 1985.

⁵³ BOYLE, J. P. Reception and Vatican I on Papal Infallibility, 1991 apud ROUTHIER, 1993, p. 18; POTTMEYER, Hermann J. *Towards a papacy in communion*. Perspectives from Vatican Councils I & II. New York: Crossroad, 1998. p. 23.

⁵⁴ JEDIN, Hubert. *Brève histoire des conciles*. Paris: Desclée, 1960. p. 13.

⁵⁵ ROUTHIER, 1993.

⁵⁶ “alors que le n° 12 de *Lumen gentium* lie la question de la réception à celle du sens de la foi (*sensus fidei* et non *sensus fidelium*) et que le n° 25 de la même Constitution traite de l’assentiment religieux de l’Église à l’enseignement des pasteurs” (ROUTHIER, 1993, p. 23). Assim afirma o número 12 do documento: “O conjunto dos fiéis, ungidos que são pela unção do Santo (cf. 1 Jo 2,20 e 27), não pode enganar-se no ato da fé. E manifesta esta sua peculiar propriedade mediante o senso sobrenatural da fé de todo o povo quando, ‘desde os Bispos até os últimos fiéis leigos’, apresenta um consenso universal sobre questões de fé e costume. Por esse senso da fé, excitado e sustentado pelo Espírito da verdade, o Povo de Deus – sob a direção do sagrado Magistério, a quem fielmente respeita – já não recebe a palavra de homens, mas verdadeiramente a palavra de Deus”. Sobre a questão do *sensus fidei* trabalhada teologicamente veja RUSH, 2009. Veja BURKHARD, J. *Sensus fidei: meaning, role and future of a teaching of Vatican II*. *Louvain Studies*, n. 17, p. 18-34, 1992.

⁵⁷ “l’assentiment religieux de l’Église à l’enseignement des pasteurs.” ROUTHIER, 1993, p. 23.

Concílio Niceno II, Florentino e Tridentino”⁵⁸. Também o número 91 da *Gaudium et spes* assinalada que o ensinamento do Vaticano II exprime “o ensinamento já recebido pela Igreja”⁵⁹. O número 44 da *Gaudium et spes* também traz elementos para se compreender como o concílio entende o processo de recepção, afirmando que “a própria Igreja não ignora o quanto tenha recebido da história e da evolução da humanidade”⁶⁰. Os números 5, 8 e 10 da *Dei Verbum*, mesmo sem trazer o conceito explicitamente, sugere a sua realidade. A dupla tradição-recepção está presente: “a recepção é aqui entendida em um sentido largo e fundamental, ultrapassando a acolhida das decisões de um concílio, e reenviando-o a um processo constitutivo da igreja”⁶¹.

É importante lembrar que a recepção de um concílio não se realiza, muito menos se completa, por um ato oficial da igreja em Roma. Sua recepção não ocorre entre indivíduos – bispos reunidos ou os fiéis tomados individualmente –, mas ele se dá como um processo eclesial que manifesta a comunhão das igrejas através do seu pastor. Assim, o tema recepção aproxima-se de questões eclesiológicas e também de vários processos que estão no centro da vida eclesial: “a recepção pertence, assim, à vida da igreja e nela é um processo constitutivo”⁶².

Uma definição teológica mais ampla pode ser aquela sugerida por Congar:

O processo pelo qual um corpo eclesial faz seu em verdade uma determinação que ele não deu a si mesmo, em reconhecimento, da medida promulgada, uma regra que convém à sua vida [...] Por esses últimos, ele é o ato pelo qual uma regra subordinada à sua vontade e à sua conduta pelo preceito legítimo de um superior, pelo respeito à autoridade deste último. A recepção não é a pura e simples realização da relação “secundum sub et supra”; ela comporta um contributo próprio de consentimento, eventualmente de julgamento, no qual se exprime a vida de um corpo que realiza os recursos espirituais originais⁶³.

⁵⁸ Lumen gentium, n. 51

⁵⁹ “l’enseignement déjà reçu dans l’Église.” ROUTHIER, 1993, p. 24.

⁶⁰ Gaudium et spes, n. 44.

⁶¹ “la réception est ici entendue en un sens large et fondamental, dépassant l’accueil des décisions d’un concilie, et renvoie à un processus constitutif de l’Église.” ROUTHIER, 1993, p. 24. Segundo ROUTHIER (1993), “a eclesiológia do Vaticano II fornece os elementos essenciais para fundar uma teologia da recepção, notadamente graças à teologia da comunhão, à recuperação do valor da realidade das igrejas locais e à revalorização, mesmo que ainda tímida, da pneumatologia [...] Em suma, a teologia da recepção é indissociável da maneira de compreender a igreja” (p. 25). “l’ecclésiologie de Vatican II fournit les éléments essentiels pour fonder une théologie de la réception, notamment grâce à la théologie de la communion, à la remise en valeur de la réalité des Églises locales et à la revalorisation, quoique encore timide, de la pneumatologie en ecclésiologie. En somme, la théologie de la réception est indissociable de la façon de comprendre l’Église.”

⁶² “la réception appartient donc à la vie de l’Église et elle en est en somme un processus constitutif.” ROUTHIER, 1993, p. 65.

⁶³ CONGAR, 1972, p. 370. “le processus par lequel un corps ecclésial fait sienne en vérité une détermination qu’il ne s’est pas donnée à lui-même, en reconnaissant, dans la mesure promulguée, une règle qui convient à sa vie [...] Pour ces derniers, elle est, l’acte par lequel un subordonné règle sa volonté et sa conduite par le précepte légitime d’un supérieur, par respect pour l’autorité de ce dernier. La réception n’est pas la pure et simple réalisation du rapport “secundum sub et supra”; elle comporte un apport propre

É preciso definir e descrever esse processo, de acordo com Routhier⁶⁴, em função de tornar o conceito mais apto a sustentar as análises que concernem a fatos particulares de recepção, ou seja, aqueles que se referem à história da recepção numa igreja particular. Dessa forma, falar de recepção como processo implica dois fatos: a) o reconhecimento de que a recepção não se reduz a um ato particular, mas que ele se inscreve numa história e numa duração; b) a consciência da existência de muitos atores que estão engajados em diferentes ações que marcam essa história. Quando se fala em processo, sugere-se certa complexidade ao fenômeno, que não se deixa reduzir a apenas uma ação específica. Assim sendo, será, antes, preciso examinar

Como um concílio se inscreve na duração (I) e como a concretização de um concílio num lugar depende de dois fatores: das condições sociais, políticas, econômicas e culturais de um lugar determinado, e da ação de várias pessoas ou grupos de pessoas. Será necessário assim estudar sucessivamente como um concílio se inscreve em um lugar (II) e descrever a interação entre as pessoas do campo social constituído por uma igreja local (III)⁶⁵.

A questão do concílio inscrito na duração é um dos pontos mais fundamentais na busca da compreensão da recepção do Vaticano II. O concílio não terminou em dezembro de 1965, mas uma etapa foi concluída. Como afirma o papa Paulo VI em 1966, “a tarefa do concílio ecumênico não se encontra definitivamente realizado com a promulgação dos decretos, porque os decretos, como o ensina a história dos concílios, mais que um ponto de chegada, são um ponto de partida em direção a novos objetivos”⁶⁶. É possível notar um grande número de documentos e instruções sobre sua aplicação.⁶⁷ Assim, a assembleia conciliar encontra seu prolongamento na fase de recepção, “que não conhecemos nem a duração nem seu contorno”⁶⁸.

Como afirma o teólogo Ormond Rush, a história do concílio inclui a história de sua recepção. Se o evento se desenrolou, entre sua preparação, 1959, e sua conclusão, 1965, só se pode dizer que se toma posse dele a partir do olhar que se constrói sobre o evento nesses cinquenta anos de sua abertura. Esse olhar também faz parte da história

de consentement, éventuellement de jugement, où s’exprime la vie d’un corps qui exerce des ressources spirituelles originales.”

⁶⁴ ROUTHIER, 1993.

⁶⁵ “comment un concile s’inscrit dans la durée (I) et comment la concrétisation d’un concile en un lieu est dépendante de deux facteurs: des conditions sociales, politiques, économiques et culturelles d’un lieu donné, et de l’action de plusieurs personnes ou groupes des personnes. Il nous faudra donc étudier successivement comment un concile s’inscrit en un lieu (II) et décrire l’interaction entre les personnes dans le champ social constitué par une Église locale (III).” ROUTHIER, 1993, p. 70.

⁶⁶ “la tâche du concile oecuménique ne se trouve pas définitivement achevée avec la promulgation des décrets, parce que ces décrets, comme l’enseigne l’histoire des conciles, plutôt qu’un point d’arrivée, sont un point de départ vers de nouveaux objectifs.” ROUTHIER, 1993, p. 71. Inclusive, foi o mesmo Paulo VI que em julho de 1967 instituiu a comissão romana para a interpretação dos decretos. ALBERIGO, 2001, p. 570.

⁶⁷ No âmbito brasileiro tem-se como exemplo o PPC, Plano Pastoral de Conjunto (1966/1970), que trataremos em momento oportuno.

⁶⁸ “dont on ne connaît ni la durée ni le contour.” ROUTHIER, 1993, p. 71.

do concílio. A forma como se o lê. Assim sendo, como já apontado anteriormente⁶⁹, utilizando-se da reflexão hermenêutica de Hans-Georg Gadamer, é necessário levar em consideração aquilo que o filósofo alemão batizou de *história efetual*. E a recepção se relaciona intrinsecamente com esses efeitos advindos tanto do evento, como também das formas como o entendemos, determinados por uma série de fatores que se encontram nos horizontes atuais.

Considerações finais

Certamente as questões hermenêuticas do concílio são bastante complexas, especialmente pelo fato de que suas interpretações refletem perspectivas políticas internas ao aparelho eclesiástico, e também externas, sobre, por exemplo, o papel e o lugar da igreja romana nos Estados modernos. Atualmente não se acredita que seja possível dar uma resposta completa e final sobre a carga de continuidade e descontinuidade do Vaticano II em relação à história da igreja, particularmente aquela dos concílios. Alguns acreditam que até mesmo querer compreender o concílio nestes termos: continuidade/descontinuidade – traz o risco de se esquecer da complexidade do evento conciliar e de se afundar num simplismo ideológico.⁷⁰

Mesmo que se possa afirmar que haja uma continuidade – já que não é possível afirmar nenhuma ruptura que não seja “preparada” historicamente, num longo arco temporal –, seria um suicídio intelectual não observar que as descontinuidades também aparecem.⁷¹ Assim sendo, pode-se afirmar que o Vaticano II traz em seu bojo dimensões de continuidade e de descontinuidade, bastando o historiador atento ir à procura dessas inflexões. O debate continua e a atenção se volta agora para os primeiros momentos do pontificado de Francisco, que trará novos elementos para se continuar a pensar o processo de recepção.

Referências

ALBERIGO, Giuseppe. Conclusioni e prime esperienze di ricezione. In: _____. (dir.). *Storia del Concilio Vaticano II*. Concilio di transizione. Settembre-Dicembre 1965. Bologna: Il Mulino, 2001. p. 547-575.

⁶⁹ Veja CALDEIRA, R. Coppe. O Concílio Vaticano II: apontamentos bibliográficos para um estudo historiográfico. *Perspectiva Teológica*, v. 43, n. 120, p. 211-226.

⁷⁰ BOEVE, Lieven. Une histoire de changement et de conflit de paradigmes théologiques? Vatican II et sa réception entre continuité et discontinuité. In: ROUTHIER, Gilles; ROY, Philippe J.; SCHELKENS, Karim (dir.). *La théologie catholique entre intransigeance et renouveau*. La réception des mouvements préconciliaires à Vatican II. Louvain: Revue d'Histoire ecclésiastique, 2011. p. 355.

⁷¹ Começa-se a dar os primeiros passos em direção à pesquisa que busca investigar as “descontinuidades” entre o ensino sobre a liberdade religiosa no século XIX e aquela presente no decreto *Dignitatis Humanae* do Concílio Vaticano II. Cf. BÖCKENFÖRDE, Ernest Wolfgang. *Cristianesimo, libertà, democrazia*. Brescia: Morcelliana, 2007.

- ALBERIGO, Giuseppe. From the Council of Trent to “Tridentinism”. In: BULMAN, Raymond F.; PARRELA, Frederick J. (ed.). *Trent to Vatican II*. Historical and Theological Investigations. New York: Oxford University Press, 2006. p. 19-37.
- ALBERIGO, G.; JOSSUA, J.-P. (dir.). *Il Vaticano II e la Chiesa*. Brescia: Paideia, 1985.
- _____. (dirs.). *La réception de Vatican II*. Paris: Cerf, 1985.
- ATTI DEL CONVEGNO INTERNAZIONALE promosso dalla Pontificia Facoltà Teologica San Bonaventura-Seraphicum e dalla Fondazione Giovanni Paolo II Centro di Documentazione e Studio del Pontificato. Roma, 28-30 ottobre 2008, Libreria Editrice Vaticana. Città del Vaticano, 2010.
- BENSON, Bruce Ellis. Texts messages: Gadamer, Derrida, and How We Read. *Christian Century*, March 22, p. 30-32, 2005.
- BENTO XVI. Homilia do papa Bento XVI. Santa Missa para a abertura do Ano da Fé. Disponível em: <<http://migre.me/ef4tu>>.
- BOEVE, Lieven. Une histoire de changement et de conflit de paradigms théologiques? Vatican II et sa reception entre continuité et discontinuité. In: ROUTHIER, Gilles; ROY, Philippe J.; SCHELKENS, Karim (dirs.). *La théologie catholique entre intransigeance et renouveau*. La réception des mouvements préconciliaires à Vatican II. Louvain: Revue d’Histoire ecclésiastique, 2011. p. 355-366.
- BURKHARD, J. *Sensus fidei*: meaning, role and future of a teaching of Vatican II. *Louvain Studies*, n. 17, p. 18-34, 1992.
- CALDEIRA, R. Coppe. O Concílio Vaticano II: apontamentos bibliográficos para um estudo historiográfico. *Perspectiva Teológica*, v. 43, n. 120, p. 211-226, [s.d.].
- _____. Recensão. *Coletânea. Revista de Filosofia e Teologia da Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro*, Ano XI, Fascículo 21, p. 144-148, Jan-Jun 2012.
- _____. O pontificado de João Paulo II e a herança do Concílio Vaticano II: em busca de uma interpretação normalizante. *Revista Brasileira de História das Religiões*, n. 13, Jan. 2013.
- _____. *Os baluartes da tradição: o conservadorismo católico brasileiro no Concílio Vaticano II*. Curitiba: CRV, 2011.
- CHENU, M. D. La fin de l’ère constantinienne. In: DUBOIS-DUMÉE, J.-P.; DE BROUCKER, J. *Un concile pour notre temps*. Paris: Cerf, 1961. p. 59-87.
- CLARK, Elizabeth A. *History, theory, text*. Historians and the linguistic turn. Harvard: Harvard University Press, 2004.
- CONGAR, Yves. *La crisi nella Chiesa e Mons. Lefebvre*. Roma: Queriniana, 1976.
- _____. La réception comme réalité ecclésiologique. *Revue des Sciences Philosophiques et Théologiques*, 56, 1972.
- _____. *The meaning of tradition*. New York: Hawthorn Books, 2004.
- DERRIDA, Jacques. *Gramatologia*. São Paulo: Perspectiva, 1973.
- DISCURSO DO PAPA BENTO XVI aos Cardeais, Arcebispos e Prelados da Cúria Romana na Apresentação dos Votos de Natal. Disponível em: <<http://migre.me/cb7Im>>. Acesso em: 15 mar. 2013.
- FATTORI, M. T.; MELLONI, A. (org.). *L’evento e le decisioni*. Studi sulle dinamiche del Concilio Vaticano II. Bologna: Il Mulino, 1997.
- FAGGIOLI, Massimo. *True reform: Liturgy and Ecclesiology in Sacrosanctum Concilium*. Collegeville: Pueblo Book, 2012.
- _____. *Vatican II: the battle for meaning*. Mahwah: Paulist Press, 2012.
- GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e método*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- GROOATERS, J. *Actes et acteurs à Vatican II*. Leuven: Leuven University Press, 1998. p. 93-132. (Bibliotheca Ephemeridum theologicarum Lovaniensium 139).

- GHIRLANDA, Gianfranco. Église universelle, particulière et locale au concile Vatican II et dans le nouveau Code de Droit canonique. In: LATOURELLE, René. *Vatican II. Bilan et perspectives. Vingt-cinq ans après (1962-1987)*. Paris: Cerf, 1988. p. 263-298.
- HOLUB, Robert. *Reception theory*. New York: Methuen & Co, 1984.
- HOMILIA DO PAPA FRANCISCO na missa do dia 16 de abril de 2013, fez uma referência mais sistematizada ao concílio. Disponível em: <<http://rodrigocoppe.wordpress.com/2013/04/17/francisco-e-o-concilio-sem-retorno-na-continuidade>>. Acesso em: 15 mar. 2013.
- IL FUTURO DALLA FORZA DEL CONCILIO. Sinodo Straordinario dei vescovi 1985. Documenti e commento di Walter Kasper. Brescia: Queriniana, 1986.
- JAUSS, Hans Robert. *Toward an aesthetic of reception*. Minnesota: University of Minnesota Press, 1982.
- JEDIN, Hubert. *Brève histoire des conciles*. Paris: Desclée, 1960.
- KASPER, Walter. La provocazione permanente del Concilio Vaticano II. Per un'ermeneutica degli enunciati conciliari. In: _____. *Teologia e Chiesa*. Brescia: Queriniana, 1989. p. 302-312.
- KIJAS, Z.; DOBRZYNSKI, A. (a cura di). *Cristo Chiesa Uomo*. Il Vaticano II nel pontificato di Giovanni Paolo II. Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticano, 2010.
- KLOPPENBURG, Boaventura. *Concilio Vaticano II*. Petrópolis: Vozes, 1963. p. 305-312. v. II. Primeira sessão. (set.-dez. 1962).
- LIMA, Luiz Costa (Org.). *A Literatura e o Leitor*. Textos de Estética da Recepção. São Paulo: Paz e Terra, 1981.
- MARENGO, Gilfredo. *Giovanni Paolo II e il concilio*. Una sfida e un compito. Siena: Cantagalli, 2011.
- MESSORI, V.; RATZINGER, J. *A fé em crise? O cardeal Ratzinger se interroga*. São Paulo: EPU, 1985. p. 17.
- MICCOLI, Giovanni. *In difesa della fede*. La Chiesa di Giovanni Paolo II e Benedetto XVI. Milano: Rizzoli Storica, 2007.
- POTTMEYER, Hermann J. *Towards a papacy in communion*. Perspectives from Vatican Councils I & II. New York: Crossroad, 1998.
- RAHNER, K. Basic theological interpretation of the Second Vatican Council. In: _____. *Concern for the Church*. New York: Crossroad, 1981. (Theological Investigations, v. 20).
- RATZINGER, J. *Les principes de la théologie catholique*: esquisse et matérieux. Paris: Tequi, 1982.
- ROUTHIER, G. *La réception d'un concile*. Paris: Cerf, 1993.
- _____. L'Assemblée extraordinaire de 1985 du Synode des Évêques: moment charnière de relecture de Vatican II dans l'Église Catholique. In: BORDEYNE, P.; VILLEMEN, L. (dirs.). *Vatican II et la théologie*. Perspectives pour le XXIe siècle. Paris: Cerf, 2006a. p. 61-88.
- _____. Sull'interpretazione del Vaticano II. L'ermeneutica della riforma, compito per la teologia. *La Rivista del Clero Italiano*, n. 11, 2011, p. 744-759.
- _____. *Vatican II*. Herméneutique et réception. Québec: Fides, 2006b.
- RUSCH, William G. *Ecumenical reception*. Its challenge and opportunity. Grand Rapids: Eerdmans, 2007.
- RUSH, Ormond. *The eyes of faith*. The sense of the faithful and the Church's reception of revelations. Washington: The Catholic University of America Press, 2009.
- _____. *The reception of doctrine*. An appropriation of Hans Robert Jauss reception aesthetics and literary. Roma: Pontificia Università Gregoriana, 1997.
- SCHELKENS, Karim. Lumen gentium's "subsistit in" revisited: the Catholic Church and Christian unity after Vatican II. *Theological Studies*, v. 69, fasc. 4, 2008.
- TILLARD, J.-M. R. *Church of Churches*. Collegeville: The Liturgical Press, 1987.

- SKWZYPCZK, R. *Karol Wojtyła al Concilio Vaticano II*. Verona: Fede & Cultura, 2011.
- VORGRIMLER, H. Du “sensus fidei” au “consensus fidelium”. *Concilium*, 200, p. 13-22, 1985.
- WEIGEL, G. *Testimone dela speranza*. Milano: Mondadori, 2005. p. 180-223.